

A Verdade É Importante, Fique ao Lado da Verdade

Autor: Carver T. Yu

Data: 19.06.2010

Category: Verdade & Pluralismo

Nota do Editor: Este Documento Avançado de Cape Town 2010 foi escrito por Carver T. Yu como uma visão geral do tema a ser discutido na sessão plenária da manhã "Provas Verídicas de Cristo em Um Mundo Pluralista e Globalizado". Respostas a este documento serão enviadas através da Conversa Global Lausanne para o autor e outros para ajudar a moldar as suas apresentações finais no Congresso.

Durante séculos aqueles de nós que vivem na Ásia têm convivido com a realidade da pluralidade cultural em geral e do pluralismo religioso em particular. Sim, temos convivido com a pluralidade, mas não com o pluralismo. Pluralismo nunca foi uma opção. Se você é um confucionista, ou taoísta, budista, muçulmano ou hindu, tem uma convicção inabalável de que aquilo em que você acredita e vive é a verdade que conduz à autêntica humanidade ou à salvação eterna, e que todos os outros caminhos, na melhor das hipóteses, levam a uma vida insatisfeita e na pior das hipóteses à perversão e ao sofrimento. A verdade importa, pois a vida tem consequências. Respeite os outros, no entanto, considere-os como sua responsabilidade a apontar-lhes o caminho certo.

O pluralismo que está na moda hoje em dia é totalmente diferente. É uma ideologia que proclama que a verdade é uma construção cultural válida somente para a cultura de que o construiu. Por conseguinte, não tem qualquer relação com outra cultura ou sistema de significância. Não existe uma verdade que pode pretender ser a verdade para todos. Todas as verdades são relativas umas às outras. O pluralista empurra o argumento de culturas para os indivíduos. O indivíduo agora se presume ser a máxima base para realidade, o alicerce sobre o qual o significado e os valores são criados. O pluralista pós-moderno acredita que cada indivíduo cria sua própria lógica e faz suas próprias regras na construção de seu próprio mundo de realidade e valor. O indivíduo é "autônomo" no sentido de que ele é a lei para si mesmo. À medida que cada indivíduo constrói seu próprio mundo, pode haver, portanto, o mesmo número de mundos que o número de pessoas, pois cada um é apenas uma teia de crenças verdadeiras só para o indivíduo que tecê-lo. À medida que estes mundos são construídos individualmente, são incomensuráveis entre si. Assim, apesar de toda a retórica sobre o diálogo, o pluralismo tem determinado todos os diálogos a serem desnecessários e inúteis.

Ao mesmo tempo, como a verdade está sendo fabricada, ela pode ser refabricada à vontade. É, portanto, provisória e fluida, e não tem qualquer influência duradoura sobre qualquer coisa. Ao condenar todas as verdades de ser radicalmente relativas e provisórias, o pluralismo, com efeito, silencia qualquer proclamação da verdade transcendente, uma verdade para todos os seres humanos e culturas. Em nome de condenar o dogmatismo, o pluralismo é, no entanto, a mais dogmática de todas as ideologias, e irá enquadrar sem hesitação qualquer conceito anti-pluralista da verdade como a dogmatista e a exclusivista, e o rejeitará completamente. Pluralismo, como tal, é o tipo mais virulento do monismo, é o monismo da indiferença.

No entanto, não é preciso muita análise crítica para ver que o pluralista é auto-contraditório. Ao proclamar o pluralismo, o pluralista tacitamente alega que ele está em um ponto de vantagem elevado, acima de todas as culturas e todos os indivíduos, a fim de ver suas relatividades. No entanto, milagrosamente, o ponto de vantagem sobre o qual ele está, no entanto, é absoluto. Como o pluralista consegue fazer isso? Puramente pela fé animal e dogmática.

Enquanto banaliza a verdade e enquadra verdade religiosa como opressora, o pluralista promove sem vergonha a versão secular da verdade, empurrando a sua versão secular da verdade como a verdade para todos. O Ateísmo é promovido e se torna a nova religião, e promovido como a personificação da racionalidade científica, a objetividade, e bom senso e inclusividade. Pluralismo agora está engajado em uma guerra contra a religião em geral e o cristianismo em particular, com um zelo "evangelístico" sem precedentes e hostilidade. A "Campanha de Onibus Ateísta", em Londres,

é um bom exemplo. Em junho de 2008, a escritora de comédias Ariane Sherine propôs uma campanha contra a crença em Deus nos ônibus de Londres, dizendo: "Provavelmente não existe Deus. Pare de se preocupar. Aproveite a sua vida." Dinheiro imediatamente começou a chover; dentro de quatro dias mais de 140 mil foram levantados para a campanha. A campanha já se espalhou pelo Canadá. Em um anúncio similar, aparecem duas crianças, que não querem ser rotulados como católicas ou ateus, eles querem ser educados com um perspectiva neutra. De uma forma muito sutil a campanha condena pais que criam seus filhos com qualquer convicção da verdade. O monismo da indiferença está apertando e esmagando nossas vidas. No entanto, ao mesmo tempo, os livros proclamando o ateísmo estão inundando o mercado, como o de Richard Dawkins A Desilusão de Deus (The God Delusion) fazendo o maior sucesso. Foi traduzido em 31 idiomas, com mais de 1,5 milhões de cópias vendidas. Joan Bakewell, um colunista do Guardian, ressoou o grito de guerra contra a religião em seu louvor ao livro: "As religiões do mundo fizeram o mundo secular correr de medo. Este livro é uma convocação para não mais nos escondermos" (The Guardian, 23 de setembro de 2006). Qual é a batalha? Trata-se de tomar o direito de definir os valores morais para si mesmo, em vez de qualquer valor transcendente. A questão real é como a vida deve ser conduzida.

Essa ideologia secular tem consequências. O eclipse da verdade transcendente tem implicações para toda a vida.

Vinte e um anos atrás, poucos meses antes do que aconteceu na Praça de Tiananmen, em Pequim, no dia 04 de junho, Liu Xiao Bo escreveu um artigo sobre a tragédia do povo chinês, em que ele disse, "A tragédia do povo chinês é uma tragédia de um povo sem Deus. Quando a luz do lado Outro Lado transcendente é apagada, a escuridão deste lado facilmente é aceita como a luz infinita."(1) Uma sociedade sem a luz transcendente certamente absolutiza-se e transforma até mesmo a sua escuridão na luz infinita, pois não tem nenhum recurso além de seus recursos para auto-crítica. Uma sociedade sem a iluminação da verdade transcendente vai afundar na escuridão da sua própria corrupção.

A verdade tem consequências na dimensão pessoal. Em Amsterdam 2000, Dr. Ravi Zacharias compartilhou sua experiência de defender a objetividade da verdade moral a um grupo de estudantes de Oxford. Quando ele terminou, um aluno levantou-se e desafiou-o. Ele disse: "Dr. Ravi, a moralidade é puramente emotiva. Certo? ou errado? expressa nada mais do que preferências pessoais de uma forma emocional." Ravi respondeu: "Se isso fosse verdade, vamos fazer um teste. Deixe-me colocar um bebê inocente e indefeso nessa mesa e despedaça-lo em três com uma grande faca. Agora você não diria que o que eu fiz é errado?" Calmamente o estudante respondeu: "Não, eu não diria isso. Tudo o que posso dizer é que eu não gosto disso." Ravi confessou que estava muito chocado. Ai, se eu estivesse lá, eu teria perguntado ao estudante, "E se eu colocar você sobre esta mesa, pronto para picá-lo em três pedaços, você não diria que o que vou fazer é errado e devo parar imediatamente?" E se ele dissesse, "Tudo que posso dizer é que eu não gosto disso." Então eu diria: "Mas eu gosto, eu gosto muito, e por acaso tenho o poder de fazê-lo." Você sabe muito bem quais seriam as consequências.

Sem uma verdade moral, o poder se tornará o certo. Guerras entre povos são inevitáveis. Sem o decreto divino que o homem é feito à imagem de Deus, declarado pelo Criador que tem valor absoluto e deve ser absolutamente inviolável, por que alguém deveria tomar a afirmação de que "todos nascem iguais" a sério?

Qual é o fundamento para tal crença, que é suposto ser o fundamento da democracia? Não acreditamos nisso porque emocionalmente gostamos? Ou será que simplesmente acreditamos, fora do cálculo racional, por causa do auto-interesse ou medo? E se Nietzsche estava certo, ao dizer que inventamos tais declarações ocas porque somos fracos, temos medo de deixar a vontade do poder assumir, pois estamos com medo de encarar o fato de que somente os fortes e poderosos irão sobreviver? Como podemos refutar Nietzsche? A declaração é oca, se tudo é invenção humana. Por que eu deveria acreditar que eu nasci igual a você, se eu sou, obviamente, dotado geneticamente para ser muito mais inteligente e mais forte do que você? A metáfora do gene egoísta deverá então assumir, retratando a pessoa humana como um ser autônomo, liberado de qualquer obrigação ou

de cuidar de qualquer outra pessoa além de si mesmo, sendo conduzido apenas pela lógica do auto-interesse e de autopreservação. Se acreditamos que seres humanos não "nascem iguais", o mais inteligente, mais forte e mais rico deveria ter mais votos no processo político.

Se os valores morais são separados de sua fonte transcendente, a maior virtude será nada além de uma função pragmática. Conforme esta ideologia, o valor de uma pessoa reside inteiramente na sua função em um processo, cujo valor é medido por sua função em um processo maior. Em nosso contexto, a realidade é o mercado global controlado por corporações globais. O valor da pessoa humana encontra-se em sua comercialização ou sua funcionalidade no mercado. A pessoa é basicamente uma ferramenta ou um produto a outra pessoa. Então, pessoas como Richard Posner estariam absolutamente certas em dizer-nos em seu livro *Sexo e Raciocínio* (*Sex and Reason*), que não há uma diferença fundamental entre a prostituição e o casamento. O casamento é, basicamente, a prostituição de longo prazo. No casamento você tem um acordo de longo prazo para a troca de serviços entre o casal, que, no caso da prostituição, é um relacionamento com o mercado imediato, onde a troca é feita mediante o pagamento à prostituta, que então pode usar o pagamento para comprar serviços dos outros.

Diante dos nossos olhos, vemos o tecido moral da nossa vida social sendo rasgado em pedaços, e da pessoa humana sendo despersonalizada em mercadoria ou um conjunto de funções. O exílio da verdade transcendente exigirá um alto preço, levará ao caos sócio-cultural e, portanto, imenso sofrimento. Temos que nos levantar para virar a maré. Temos que pregar a verdade do evangelho de Cristo a todo o custo.

© The Lausanne Movement 2010 Liu Xiao Bo, *Tragédia, Estética e Liberdade*. Taipei: Feng Yun Xidai, 1989. p74. [publicado em Chinês]